

Paisagens Culturais

Uma reflexão sobre as culturas nacionais inglesa e norte-americana nos relatos de viagem de Henry James

Doutoranda Luiza Larangeira da Silva Mello¹ (PUC-Rio)

Resumo:

No ensaio “A Arte da Ficção”, de 1884, Henry James sugere que, entre as atividades que podem ser consideradas artísticas, a do romancista se afina sobretudo com a do pintor: ambos, para fazer jus à sua arte, não podem abandonar a pretensão de representar a vida. E o fazem através de um olhar muito semelhante. É com este olhar pinturesco que James captura não apenas as paisagens, como também as especificidades sócio-culturais dos países que visita ao longo da segunda metade do século XIX, representadas na série de relatos de viagem publicada em princípios do século XX. Este artigo tem por objetivo refletir acerca da comparação, presente tanto nos relatos de viagem, quanto na obra de ficção de James, entre as culturas nacionais inglesa e norte-americana, em uma época em que os valores aristocráticos, em grande medida obsoletos, entram em choque ou procuram acomodar-se ao mundo simmeliano da “filosofia do dinheiro”.

Palavras-chave: Henry James, democracia, aristocracia, relato de viagem, Estados Unidos

Introdução

O objetivo deste texto é apresentar uma interpretação possível acerca da representação da cultura nacional norte-americana na obra de Henry James, a partir da análise de seus relatos de viagem aos Estados Unidos, reunidos no livro intitulado *The American Scene*, publicado em 1907. A questão que orienta minha análise é a da definição da substância desta cultura nacional em sua relação com a constituição da democracia nos Estados Unidos. Em outras palavras, buscarei compreender a relação que James estabelece entre as formas sociais da democracia, em sua versão norte-americana, e certos aspectos definidores da cultura nacional. Dentre estes aspectos, dois merecem destaque. O aspecto que concerne ao lugar ocupado pela criação artística – mais especificamente a literatura de ficção – e pela experiência estética a ela relacionada, em um mundo em que os valores, princípios e modos de vida, típicos das sociedades aristocráticas, cedem um espaço cada vez maior aos valores vinculados ao *ethos* democrático; e o aspecto referente aos valores que constituem a substância definidora da cultura nacional, nos Estados Unidos, em sua relação com uma determinada tradição cultural nacional, i.e., uma tradição historicamente determinada. Parte-se, aqui, da hipótese de que James apresenta esta relação como problemática no sentido de que, na sua representação da cultura nacional norte-americana, a idéia de tradição nacional é antes vinculada a uma falta ou ausência do que a uma presença, ou seja, um conjunto definido de traços sócio-culturais concretos e específicos. Tal ausência ou falta aparece, sobretudo, quando James constrói representações comparativas das culturas nacionais norte-americana e inglesa, e quando relaciona cada uma destas representações a lugares distintos ocupados pela atividade do romancista.

Representações comparativas entre os Estados Unidos e a Europa se encontram presentes em quase todos os gêneros literários que compõem a obra de Henry James. A história do jovem americano – ou, mais comumente, da jovem americana – que viaja pela Europa e experimenta, com frequência de forma amarga, as contradições entre os distintos tipos de sociabilidade que informam o Velho Mundo e o Novo Mundo, é quase arquetípica na sua obra de ficção. Mas essas representações contrastantes se encontram também presentes nos seus ensaios de crítica literária, nos seus relatos de viagem e mesmo em sua autobiografia, uma vez que o próprio James foi um jovem norte-americano que se educou em diversos países europeus e passou quase toda a sua vida adulta na Europa. Entre estes gêneros, foram escolhidos, prioritariamente, como objeto da análise,

os relatos de viagem. Essa escolha se fundamenta na idéia de que há uma analogia entre o olhar com que o viajante captura as paisagens dos lugares por ele visitados e o olhar com o qual, de acordo com James, o ficcionista deve capturar a *realidade*. A temática do olhar do ficcionista aparece reincidentemente em vários de seus textos críticos, sobretudo nos prefácios às edições nova-iorquinas de seus romances. No breve prefácio a *The American Scene*, o autor constrói claramente uma relação metafórica entre viagem e “distância crítica” e a analogia entre o viajante e o ficcionista é potencializada pois, no caso de Henry James, o viajante é ficcionista, e o ficcionista é um viajante em sua própria terra natal. Dito de outro modo, no caso de James, o deslocamento que a viagem pressupõe significa o retorno ao mesmo lugar, ao lugar da partida. Significa também a possibilidade de estabelecer uma “distância crítica” em relação a si mesmo e à ordem ou sistema a que se pertence. James considera que a ambivalência de sua condição de *outsider* em seu país de origem é uma condição privilegiada. O privilégio consiste justamente na combinação da imparcialidade da observação, possibilitada pela ausência de muitos anos, e a compreensão profunda, íntima, dada pelo sentido de pertencimento.

A condição ambivalente de nativo-*outsider* permite que o James desenvolva um tipo de percepção que é muito semelhante à percepção do ficcionista. Ainda no prefácio a *The American Scene*, ele afirma que a sua percepção da realidade e a representação literária dessa realidade não são orientadas por nenhuma espécie de explicação que possa vir a receber sobre o espetáculo que observa, nem, tampouco, por algum dado objetivo – do tipo que oferecem os periódicos, as pesquisas, as estatísticas, os relatórios de analistas especializados. A representação da realidade nestes relatos é orientada, exclusivamente, pelo que James define como as suas “impressões”. E por ser adepto deste peculiar impressionismo literário, ele paga o preço da recepção negativa de crítica e público.

A ênfase e a valorização positiva do aspecto subjetivo da observação da realidade aponta para uma concepção fenomenológica da criação literária, seja nas narrativas de viagem, seja nas narrativas ficcionais. A matéria-prima da literatura, seja ela ficcional ou não, não é tanto a própria vida (*life itself*), mas as impressões e apreciações da vida. A própria concepção jamesiana de realismo literário se fundamenta na combinação entre experiência e observação distanciada – observação que é própria ao espectador (*spectatorship*). O agente da criação literária deve ser também, simultaneamente, ator e espectador do espetáculo da vida. A condição do *outsider* que não é, todavia, estrangeiro; que mantém vínculos de pertencimento com o lugar em relação ao qual se posiciona “de fora”, assume traços peculiares no caso da relação de James com a paisagem norte-americana, mas não é exclusiva desta relação. No Velho Mundo, James é um *outsider*, ainda de forma mais evidente do que nos Estados Unidos, pois lá não é um “nativo”. Contudo, desde muito cedo, James deixou de ser um estrangeiro em solo europeu. Não só por ter passado a maior parte da sua vida na Europa e por ter adquirido nacionalidade inglesa, pouco antes de morrer, mas, sobretudo, por ter criado vínculos de pertencimento com a Europa e incorporado aspectos da cultura européia à sua identidade. De certo modo, também em relação à Europa, se pode dizer que James é um viajante em sua própria terra.

A condição de viajante é, por conseguinte, a forma e a substância da própria subjetividade jamesiana. Condição subjetiva que se duplica na medida que James é um romancista e, portanto, mais uma vez um *outsider*. A condição de *outsider* – do ficcionista e do viajante – é, pela própria definição de James, a “situação aristocrática”: “*to be in a better position for appreciating people than they are for appreciating you*” (JAMES, 2003. p. 242)¹. James reformula esta definição, no prefácio à edição nova-iorquina de *The Golden Bowl*, na forma de metáfora da relação entre a linguagem ordinária (aquela através da qual os homens se comunicam e se expressam ordinariamente) e a linguagem literária à qual se integra “*the immense array of terms, perceptual and expressional, that, (...) simply looked over the heads of the standing terms – or perhaps rather,*

¹ “estar numa melhor posição para apreciar os outros do que eles estão pra apreciar você”

like alert winged creatures, perched on those summits and aspired to a clearer air.” (JAMES, 2001. p. 17-18)² A linguagem literária, portanto, se vincula, por sua própria natureza, à “situação aristocrática”.

A partir do que ficou dito, até este momento, delineiam-se dois percursos analíticos que têm como ponto de partida a idéia de que, para Henry James, a condição de possibilidade da criação literária e da experiência estética a ela relacionada é a existência de uma “situação aristocrática”. O primeiro percurso consiste na análise comparativa das representações que James faz das culturas nacionais inglesa e norte-americana, nos relatos de viagem e em alguns textos de ficção; assim como a relação entre essas culturas nacionais e a tensão entre o *ethos* aristocrático e o democrático. O segundo percurso tem como ponto central a concepção de realismo literário, na obra de Henry James, e a sua relação com a construção do tipo de subjetividade do *outsider*, compartilhado pelo viajante e pelo ficcionista. No caso de James, a construção de uma subjetividade *outsider*, i.e., de uma “situação aristocrática” subjetiva aponta para o esvaziamento da sua identidade nacional individual e para a possibilidade de mimetização das diversas culturas nacionais que representa nos seus relatos de viagem, romances e contos. O objetivo exposto no início deste texto, confunde-se com o ponto em que esses dois percursos se encontram e é também a sua síntese. Em outras palavras, a questão do lugar da literatura nas sociedades democráticas é, na concepção de James, a questão da possibilidade de permanência ou de construção de espaços em que vigore uma “situação aristocrática” em um mundo dominado pelo *ethos* democrático.

A Época da Inocência

A análise dos ensaios críticos sobre homens de letras seus conterrâneos e da pequena biografia de Nathaniel Hawthorne deixa patente o ceticismo de James quanto à possibilidade de se fazer do “Grande Indivíduo Democrático” um personagem romanesco com densidade e especificidade suficientes. Segundo Mona Ozouf, no livro *La muse démocratique*, a crítica de James à poesia épica de Walt Whitman e ao humanismo de Ralph Waldo Emerson se manifesta na pouca simpatia que dispensa a esse Homem abstrato, impessoal, universal e sem substância que é o herói da democracia americana. Esse herói sem personalidade singular é um homem sem passado, uma espécie de Adão antes da Queda que, portanto, possui pouco interesse literário para o nosso autor, cujas preferências de ordem estética apontam para paisagens tocadas e transformadas pelo tempo, pela história que delas faz um palimpsesto de tradições. No entanto, se os Estados Unidos carecem, aparentemente, da “situação aristocrática” propícia ao florescimento das artes, por outro lado, a eles sobram o frescor e a energia moral correspondentes a uma democracia fundamentada na “igualdade de condições” (TOCQUEVILLE, 1998. p. 7). Frescor e energia moral que se tornam cada vez mais raros nas formas sociais, decadentes e corrompidas, da velha Europa. De fato, uma leitura generalizante da obra de ficção de James leva a pensar que James opera simplesmente com a oposição binária entre os pares ética-estética e Estados Unidos-Europa. Essas oposições perdem força interpretativa, todavia, caso se tome como objeto a literatura de viagem. Em *The American Scene*, os Estados Unidos não mais aparecem como pura abstração e a cultura nacional norte-americana não é apresentada como insubstancial. Ocorre que o caráter abstrato dos valores que compõem o *ethos* da democracia americana é apresentado claramente, por James, como um dos traços substanciais desta cultura nacional. Ele considera a sociedade norte-americana um labirinto e afirma que a percepção do modo pelo qual as instituições democráticas se fazem presentes na cultura nacional americana é uma espécie de fio de Ariadne, que permite orientar-se no labirinto. Afirma ainda que a “consistência democrática” é sentida, em resposta à curiosidade do viajante, como um “doloroso vazio” (*aching void*) – como algo imenso, mas, simultaneamente, deficiente ou ausente. Localizar-se no labirinto depende da capacidade de apreender e compreender

² “o imenso conjunto de termos, perceptivo e expressivo, que, (...) simplesmente olha por cima das cabeças dos termos ordinários – ou, talvez, seja como criaturas aladas, aninhadas nos cumes e que aspiram a ares mais puros.”

o paradoxo de haver consistência neste “doloroso vazio”, i.e., o paradoxo da abstração que constitui o *ethos* democrático nos Estados Unidos.

Nesse sentido, o contraponto da sociedade americana é, para James, a sociedade inglesa. Para tornar este ponto mais claro, recorrerei à análise de Lionel Trilling acerca dos conceitos de sinceridade e autenticidade, na literatura européia do século XIX, e à distinção que este autor estabelece entre a sinceridade inglesa e a sinceridade norte-americana. Segundo Trilling, o conceito de sinceridade se torna fundamental na cultura européia a partir da Época Moderna. Ele é forjado concomitantemente a e em relação aos modernos conceitos de sociedade e de indivíduo. Ser sincero, na modernidade, é ser verdadeiro em relação, simultaneamente, a si mesmo (ao seu “eu” individual) e ao mundo social a que se pertence. A partir do século XVIII, entretanto, com a reorganização da relação entre as esferas pública e privada – e, poder-se-ia acrescentar, recorrendo mais uma vez a Tocqueville, com o surgimento dos primeiros sinais da irresistível e universal revolução democrática – a unidade entre os dois aspectos da sinceridade é quebrada. Ser sincero à ordem social a que se pertence não é mais condição para ser sincero a si mesmo. Para alguns, passa a ser considerado um impedimento. A sociedade é apresentanda, segundo Trilling, em parte da literatura e da filosofia européias, a partir do século XVIII, como corruptora do caráter do indivíduo, de sua capacidade de ser sincero consigo próprio, i. e., de ser *autêntico*. Na literatura inglesa do século XIX, todavia, o conceito de sinceridade, em seu duplo significado, é reelaborado de modo a se adequar ao conceito de autenticidade. Para Trilling, há, entre os ingleses, a idéia de que existe um Dever (social) categórico ao qual o indivíduo deve se submeter para preservar a própria autenticidade. Tendo chegado a este ponto, pode-se afirmar que, para James, a sinceridade, tal como é concebida na *forma mentis* inglesa, é uma categoria essencialmente aristocrática. Na compilação de relatos de viagem à Inglaterra, *English Hours*, James insiste que o “plano hierárquico da sociedade inglesa” (JAMES, 1993, p. 334) é percebido, pelo viajante, nos mais insignificantes e cotidianos detalhes do modo de viver entre os ingleses. O “plano hierárquico” é a pedra basilar de uma “sociedade antiga”, uma sociedade marcada, acima de tudo, por sua “identidade histórica” (Ibid. p. 337). A “grandeza da Inglaterra” (*the greatness of England*) e sua identidade histórica são encarnadas neste plano hierárquico. A sociedade norte-americana, por sua vez, embora seja “thinly composed”, é capaz, segundo James, de absorver traços de outras culturas nacionais e, sobretudo, de criar espaços sociais concretos em que são reproduzidas a densidade e a impermeabilidade da sociedade inglesa. Além disso, esta falta de substância concorda com o tipo de sinceridade – muito diferente da sinceridade inglesa – que caracteriza a sociedade americana. E essa sinceridade americana – ou *inocência* – é, ela própria, para Henry James, a substância da cultura nacional americana.

Lionel Trilling conta que Ralph Waldo Emerson, em seus *English Traits*, considera os ingleses, com surpresa e entusiasmo, o povo “sincero” por excelência. Levando-se em conta o fato de que Emerson é norte-americano, esta consideração se torna realmente surpreendente. Trilling sugere que um leitor desavisado seria levado a se perguntar a quais “sinistras sutilezas de dissimulação” (TRILLING, 1972, p. 112). Emerson estaria habituado em sua terra natal. Logo somos advertidos, entretanto, de que a surpresa de Emerson ante a sinceridade dos ingleses não implica a consideração de que a insinceridade seja um traço marcante do caráter norte-americano. Trilling nos lembra, ainda, que Henry James foi um dos autores que mais enfática e recorrentemente tematizou a sinceridade entre os americanos. As considerações de Emerson e James acerca da sinceridade entre os ingleses e norte-americanos, respectivamente, permitem uma maior matização das diferenças entre as duas culturas nacionais. Ingleses e norte-americanos se distinguem, mas não constituem pólos opostos no que diz respeito à sinceridade como traço do caráter nacional. A oposição aos ingleses, a esse respeito, pode antes ser encontrada nos franceses: o povo da “máscara”, das aparências, da dissimulação socialmente aceita, i.e., da dissimulação como forma de sociabilidade. Do ponto de vista de um inglês, ou mesmo de um americano, a sociabilidade, entre os franceses, implica inautenticidade. Para os ingleses, os sentidos público e privado da sinceridade

são um só. Por conseguinte, se é autêntico quando se é sincero. A inocência americana não opera nesse sistema de oposições ou adequações entre público e privado, ou melhor, entre a subjetividade individual e os padrões de sociabilidade. Sobretudo porque se trata de uma sociedade mais rarefeita.

A temática da inocência, associada ao caráter americano, é recorrente na ficção de James. A situação em que a heroína americana se mostra insubmissa às convenções das sociedades européias, porquanto as ignora inocentemente, é quase um lugar-comum em sua obra. A inocência e a liberdade em relação às convenções sociais são apontadas como traços centrais da cultura nacional americana. Personagens como Isabel Archer, Olive Chancellor e Maggie Verver são personagens altamente singulares. Podemos considerar a densidade de caráter destas personagens como uma construção autônoma, sem relação com a cultura nacional à qual elas estão vinculadas. No entanto, há que se levar em conta que a inocência e insubordinação às convenções sociais, que caracterizam estas personagens, são traços representativos desta mesma cultura nacional. Mais do que isso: a inocência e a insubordinação às convenções sociais não são dois traços da cultura nacional norte-americana, mas sim um *único* traço. A inocência é a própria substância dessa sociedade. Ela substitui o lugar que as normas de conduta, os padrões e convenções sociais e a estrutura hierarquizada ocupam em um tipo de sociabilidade como a inglesa. Para usar a expressão do próprio James, ela dá a “consistência democrática” da sociedade americana, embora seja sentida como um “doloroso vazio”. Tanto na vertente semântica que a associa à ignorância, quanto naquela que a associa à ausência de culpa ou de mácula, a inocência é a característica fundamental de Adão e Eva, antes da Queda.

O espírito da democracia Americana, cujo fundamento é o ascetismo puritano dos primeiros colonizadores, não reconhece este fundamento histórico, i.e., não se reconhece como tradição. As representações literárias da inocência americana, sobretudo aquelas construídas pelos conterrâneos de James, como Emerson e Whitman, não remetem os valores nos quais elas se fundamentam a uma tradição historicamente determinada, nem a um passado imemorial, cujas origens se perderam na noite dos tempos. Os valores que constituem o *ethos* da democracia americana se encontram fora do tempo e da história: são valores bíblicos e se referem a uma verdade revelada – uma verdade divina, não humana. A inocência, tomada como forma e substância da cultura nacional norte-americana, é apresentada, portanto, como uma categoria alternativa tanto à sinceridade quanto à autenticidade. A inocência americana é representada por meio da intensidade e do imediatismo que caracterizam o caráter autêntico, mas não se confunde com a autenticidade. A autenticidade é o traço fundamental dos indivíduos cuja singularidade se fundamenta na absoluta autonomia em relação a padrões sociais determinados por uma tradição.

Por que, então, a despeito de indicar a inocência – uma inocência associada a um conjunto bem definido de valores abstratos e absolutos – como traço fundamental da cultura nacional norte-americana, James compara a sociedade americana a um labirinto? Por que sentimos, ao ler os relatos de sua viagem aos Estados Unidos, que o viajante nunca é capaz de antecipar o que vai encontrar ao dobrar uma esquina? Por que, a despeito da densidade e impermeabilidade da sociedade inglesa, esse mesmo viajante caminha com muito maior fluidez pelas ruas de Londres e possui um controle muito maior e um conhecimento muito mais seguro da sua topografia? O mundo dos romances de James é um mundo decaído – um mundo labiríntico em que apenas o conhecimento do bem e do mal, sob a forma de valores singularizáveis e contextualizáveis, pode ajudar o viajante a se orientar e localizar. Os ingleses, diversamente dos americanos, perceberam que somente nos orientamos e localizamos, no mundo social, quando nos relacionamos com indivíduos singulares, e, para tanto, eles agrupam os indivíduos em lugares sociais bem definidos. Eles perceberam que os rótulos sociais – uma vez que são convenções com as quais podemos nos relacionar, até certo ponto, de maneira flexível – permitem conhecer as pessoas, não apenas no vínculo que elas possuem com determinado grupo ou classe, mas na sua singularidade. Ou melhor, a elaboração individual dos rótulos sociais, no caso dos ingleses, aponta antes para a singularização

pessoal do que para o seu oposto. Pois ainda que os lugares sociais sejam rotulados, as pessoas que a eles pertencem não o são. Para James, essa é uma percepção preciosa: uma percepção que não apenas permite o ajuizamento moral, mas a própria criação artística. O mecanismo psíquico que gera a estetização dos valores é um empecilho à criatividade estética. Em outras palavras: a capacidade de singularização e de discriminação é imprescindível para que se produza a distância crítica necessária à criação literária. Essa capacidade, ausente no estado de inocência, é o fundamento da “situação aristocrática”.

Conclusão

Por fim, eu gostaria de chamar a atenção para a concepção jamesiana de realismo literário e sua relação com a condição ambivalente de James de nativo-outsider. A leitura dos textos de crítica literária de James (incluindo-se os prefácios às edições nova-iorquinas de alguns de seus romances), mas também a leitura dos próprios relatos de viagem, deixa claro que o realismo literário, para James, é fundamentado simultaneamente em um empiricismo e um subjetivismo. Ela é empírica no sentido de que se fundamenta na experiência – no aspecto individual e idiossincrático da experiência pessoal e na medida em que a experiência é informada pelo horizonte de expectativas comum a uma determinada coletividade. O aspecto subjetivo da criação literária concerne à possibilidade de distância crítica em relação ao seu próprio horizonte de expectativas. No mais, James se recusa a aceitar qualquer tipo de normatização que defina, *a priori*, as marcas do realismo literário.

*It goes without saying that you will not write a good novel until you possess the sense of reality; but it will be difficult to give you a recipe for calling that sense into being. Humanity is immense, and reality has a myriad forms; the most one can affirm is that some of the flowers of fiction have the odour of it, and others not; as for telling you in advance how your nosegay should be composed, that is another affair.*³

O “sentido de realidade” particular de James se fundamenta na mimetização do objeto da representação literária – que, no caso da literatura de viagem, são determinadas paisagens sociais. James pode mimetizar a cultura nacional norte-americana, em sua heterogeneidade, porque, como ela, ele se esvazia da substância de sua própria identidade nacional; porque, embora nativo, cultiva a sua condição de *outsider*; porque as representações literárias desta cultura-nacional são, mesmo em seus textos de ficção, representações das impressões de um viajante. James estabelece uma relação empática com a cultura nacional norte-americana, esvaziando-se da sua própria identidade nacional ao transformá-la numa narrativa. Transformando-a em narrativa, é capaz de estabelecer uma distância crítica em relação à esta cultura nacional e, assim, sustentar a sua condição de nativo-outsider, viajante em sua terra natal. Transformá-la em narrativa significa tornar abstratos os vínculos concretos que se tem com determinada cultura nacional, quais sejam as crenças, os modos de sociabilidade específicos, o sentido de pertencimento. É desse modo que James mimetiza a sociedade americana: ele se dessubstancia no que se refere à sua identidade nacional. Em outras palavras: o *pathos* narrativo de James mimetiza o *ethos* da democracia americana.

É claro que este esvaziamento da substância identitária só se dá, no caso de James, até certo ponto. Se assim não fosse, ele teria com a paisagem americana a mesma relação que tem um mero estrangeiro. Seria um *outsider*, mas não um nativo, e perderia o privilégio que retira de sua condição ambivalente. James atribui esse esvaziamento ou dessubstanciação parcial à distância geográfica e temporal. Afirma ter estado afastado dos Estados Unidos tempo suficiente para que suas impressões tenham o frescor das impressões de um estrangeiro, mas não o tempo suficiente para perder a sabedoria dos iniciados, i.e., dos nativos. A distância geográfica e temporal é, no entanto, ape-

³ “Não é necessário dizer que não se pode escrever um bom romance a menos que se possua sentido de realidade; mas seria difícil dar uma receita para a realização de tal sentido. A humanidade é imensa, e a realidade tem uma miríade e formas; o máximo que se pode afirmar é que algumas das flores da ficção tem o odor de realidade e outras não; mas dizer, *a priori* como a narina de alguém deve ser composta, isso é outra coisa.”

nas o aspecto contingente de uma disposição subjetiva mais profunda; disposição que constitui, para James, o fundamento da distância crítica e a condição de possibilidade da literatura. Ao se esvaziar ou dessubstanciar, parcialmente, de sua identidade nacional ele forja para si uma espécie de “situação aristocrática” subjetiva e, dessa forma, ele pode estar numa melhor posição para apreciar os outros do que os outros estão para apreciá-lo.

Referências Bibliográficas

- [1] JAMES, H. **Collected Travel Writings**. New York: The Library of America, 1993.
- [2] _____. The Art of Fiction. In: AUCHARD, J. (ed.). **The Portable Henry James**. New York: Penguin Books, 2004.
- [3] _____. **The Portrait of a Lady**. London: Penguin Books, 2003.
- [4] OZOUF, M. **La muse démocratique. Henry James ou les pouvoir du roman**. Paris: Calmann-Lévy, 1998.
- [5] POSNOCK, R. **The Trial of Curiosity. Henry James, William James and the challenge of modernity**. New York; Oxford: Oxford University Press, 1991.
- [6] TOCQUEVILLE, A. **A Democracia na América. Leis e costumes**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- [7] TRILLING, L. Sincerity and Authenticity. The Charles Eliot Norton Lectures, 1969-1970. London; Cambridge: Harvard University Press, 1972.

¹ **Luiza Larangeira da SILVA MELLO, Doutoranda**
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
Departamento de História
luizalarangeira@yahoo.com.br